



**Solidariedade França-Brasil é uma ONG, criada em 1986, que atua na defesa dos direitos da criança e adolescente no Estado do Rio de Janeiro.**

**FemmExpat recolheu os testemunhos de Azou Blain, uma das fundadoras, e da atual gerente executiva, Pascale Fabart. Um lindo testemunho para o dia mundial do voluntariado.**

### **Azou, qual é a gênese do projeto que levou a criação da SFB?**

**Azou:** Novembro de 1984 é o fim do governo militar no Brasil com a eleição de Tancredo Neves na Presidência da República. Ele ficou doente e morreu antes de assumir as funções. Durante o Natal, cheguei ao Rio de Janeiro com meu esposo, que nessa época era diretor da empresa Otis. Nessa época eu não tinha nenhuma experiência com projetos sociais, mas tinha disponibilidade e sentia que eu podia me envolver na elaboração de qualquer projeto... Meu encontro com Helene Blondet, esposa do Vice-cônsul Geral, foi essencial. Ela também tinha acabado de chegar ao Rio e já tinha uma experiência em uma ONG no Camboja. Nosso desejo comum era criar, no Rio, uma ONG solidária entre a França e o Brasil.

### **Como vocês fizeram?**

**Azou:** Para ir em frente, precisávamos achar brasileiros interessados e que conhecessem uma área onde podíamos tentar atuar. Tínhamos a ideia de apoiar trabalhos de grupos já constituídos de mulheres que procuravam resolver alguns problemas fundamentais dentro das comunidades delas, particularmente ajudar as crianças, cujas mães trabalhavam e se ausentavam de casa o dia todo.

Cristina Pereira, uma das fundadoras brasileiras foi a chave de nossos primeiros encontros locais. Assim contatos se estabeleceram e a aventura SFB pode começar com a inauguração da primeira creche em São Gonçalo, na periferia de Niterói.

Nas áreas que começamos a atuar, encontramos pessoas de grande valor. Muitas nos ajudaram e continuam ajudando ainda hoje como membros ativos da instituição.

### **Quais são as principais etapas do desenvolvimento da instituição?**

**Azou:** No começo trabalhamos com o que o que tínhamos na mão! Com Helene, nos aproximamos de ONGs francesas propondo-lhes ações no Brasil. De minha parte, procurei, no Brasil, o apoio de empresas francesas e internacionais. Via consulado, apresentamos dossiês de pedidos de recursos ao Ministério de Assuntos Exteriores. No início, nossa ação de campo consistia em visitar e selecionar comunidades que estavam procurando ajuda para responder à necessidades urgentes já identificadas. Assim nossos primeiros projetos importantes nasceram com a construção das primeiras creches para a primeira infância.

Ao longo do tempo, uma nova ambição se impôs. Não bastava construir creches, também tínhamos que acompanhar a formação dos responsáveis, particularmente nas questões do cuidado com a criança, da organização dos centros de atendimento, dos problemas de saúde e, de forma mais geral, a formação (cidadã) das mulheres envolvidas...



Era ainda mais fundamental que cada estrutura pudesse ser autônoma, especialmente no aspecto financeiro. Com os membros das comunidades, procuramos apoios locais mais pertinentes, viáveis e perenes como, por exemplo, dos setores públicos.

### **Conseguiram viabilizar esses apoios?**

**Azou:** Graças aos nossos esforços e ao apoio do Embaixador da França no Brasil, a instituição foi reconhecida como utilidade pública. Também obtivemos recursos importantes da Comissão Europeia na presidência de Simone Veil, que tivemos a honra de encontrar no Rio em 1992, durante a Eco92.

A Solidariedade França-Brasil se organizou com um plano de ação definido, finanças em ordem, uma equipe de coordenadores de projetos brasileiros e franceses muito competentes.

Mais tarde, Hélène Blondet teve que seguir outros caminhos e eu também tive que voltar para a França. Em 1994, Marie Moreira Alves me sucedeu. Desde o início, e até hoje, a SFB continua atuando. Há 28 anos!

De volta à Paris, inicialmente eu primeiro continuei envolvida num grupo que foi criado na França para apoiar as ações no Brasil.

### **O que o seu envolvimento com a instituição aportou na sua vida pessoal?**

**Pascale:** Minha expatriação para o Rio de Janeiro com 30 anos de idade detonou novas expectativas para minha vida pessoal e profissional.

Tive a oportunidade de mudar a orientação da minha carreira profissional. Na época, eu tinha uma experiência de mais de cinco anos em Marketing, em grupos internacionais, e já sonhava em dar um sentido social ao meu trabalho. Queria descobrir o outro lado do Brasil e não ficar limitada aos clichês. Foi quando encontrei dois membros ativos da instituição Solidariedade França-Brasil, e a aventura começou. Há sete anos atrás. Comecei como voluntária e, depois fui contratada como responsável pela comunicação e, logo, como responsável pela captação de recursos. Em 2013, fui nomeada Gerente Executiva. Meu trabalho dentro da SFB para mim é uma fonte de grande satisfação pessoal: a de poder trabalhar com projetos nos quais eu acredito! Eu acordo todos os dias saboreando a oportunidade de poder fazer esse trabalho e de atuar na defesa dos direitos das crianças e adolescentes.

A SFB é o fruto de um trabalho comum que vem se construindo ao longo desses 28 anos, de envolvimento de muitas pessoas que se reúnem para melhorar a sociedade brasileira. Hoje, eu sinto que sou parte integrante dessa construção coletiva, desse projeto comum que coloca o ser humano no centro de tudo, valorizando a pessoa, suas competências e seus conhecimentos.

**Azou:** Essa experiência na SFB foi inédita para mim na época, completamente nova e deu um verdadeiro sentido à minha estada no Brasil. Graças a ela, fiquei mais perto de muitos aspectos dessa sociedade em plena mutação. As responsabilidades que assumi durante esses anos deram a minha estada um conteúdo inesperado. Amei as pessoas com quem trabalhei, tive dimensão da sua coragem, sua disponibilidade, sua confiança no futuro e no que nós aportávamos. Eu amo o Brasil. Significa para mim uma segunda pátria. Certamente, em parte graças a SFB!

### **Você acha que essa experiência mudou a sua estada no Brasil?**

**Pascale:** Quando descobri o Rio, me deparei com uma realidade social violenta e inaceitável. É verdade que na França as desigualdades existem, mas não são tão gritantes. Para mim, como eu me apaixonei pelo Brasil, era impossível, não fazer nada. A SFB atua na defesa dos direitos de crianças e adolescentes na periferia do Rio de Janeiro. Eu fui ao campo, vi a força dessas mulheres que trabalham nos centros comunitários de educação infantil. Eu vi a sua luta para desafiar e denunciar a precariedade do seu bairro, para melhorar as condições de saúde das famílias, para garantir às crianças e adolescentes uma educação de qualidade e condições de vida dignas. A coragem delas me ensinou e me fez refletir!

### **O que você aprendeu através do seu envolvimento na instituição?**

**Pascale:** Meu envolvimento representa um verdadeiro desafio diário e um enriquecimento imenso. Aprendi a ser mais paciente, a aceitar os contratempos. Nada nunca acontece como você previu. Ganhei flexibilidade, resiliência, aceitação do outro. Descobri um país com múltiplas facetas: cheio de nuances, com problemáticas diferentes de uma região para outra. Me dei conta da nossa sorte de ter na França um sistema educativo e de saúde justo, igual para todos e que funciona. Trabalhando na SFB, entendi melhor o funcionamento das instituições brasileiras. Descobri, por exemplo, que a sociedade civil no Brasil pode se organizar como parceira na definição e na elaboração de políticas públicas sociais, ao contrário da França, onde somente delegações especificamente constituídas e fechadas cobrem todos os campos da Educação e da Saúde. Por este motivo, uma das linhas de atuação da SFB é precisamente reforçar a incidência da sociedade civil nas políticas públicas ligadas à infância e à adolescência.

### **Quais são as principais dificuldades que você encontra?**

**Pascale:** No Brasil, é preciso se armar de paciência para enfrentar a administração e trabalhar com os órgãos públicos. É possível você se encontrar em situações absurdas e kafkianas. Nesses momentos, não se pode desanimar, é preciso seguir o exemplo das populações com as quais trabalhamos que, ano após ano, continuam a lutar em suas comunidades, com a mesma energia, para defender o direito das crianças, dos adolescentes e das famílias.

### **Quais conselhos você daria a uma pessoa que gostaria de ter uma experiência similar no seu país de expatriação?**

**Pascale:** A SFB apoia iniciativas locais e eu acho que é um dos maiores diferenciais da nossa instituição. Desenvolvemos nossos projetos a partir de uma primeira análise do contexto e principalmente a partir de iniciativas, demandas e potenciais da população local que trabalha para a proteção das crianças e adolescentes. Contudo, todos os nossos investimentos têm como objetivo incentivar, a longo prazo, a independência das populações apoiadas assim como a sua autonomia financeira. Eu acho que essa abordagem e essa metodologia são a especificidade da nossa ação. Então, se eu puder dar um conselho para alguém que gostaria de viver uma experiência similar, aqui no Brasil, seria de não chegar com o desejo de salvar o mundo nem sequer com uma ideia já pronta de uma solução. É preciso tempo para levar a cabo um projeto social no Brasil, é necessário, primeiro, se impregnar do país, conhecer o contexto no qual desejamos trabalhar e avaliar bem as necessidades da população local.